

# País precisa de US\$ 2 bilhões antes de outubro

LONDRES — Os bancos internacionais credores do Brasil poderão ser forçados a liberar-lhe um empréstimo de emergência de US\$ 2 bilhões antes de outubro, mesmo sem o “sinal verde” do Fundo Monetário Internacional, para que o País não suspenda os pagamentos em atraso de sua dívida externa — que deve alcançar US\$ 95 bilhões no final do ano — e declare uma moratória, seguindo os exemplos anteriores do México e da Polônia.

A previsão é do jornal londrino **Sunday Times** e reflete a inquietação reinante na “City”. A volta do presidente João Figueiredo ao País, combinada com a relutância do PTB e de alguns políticos do PDS em aceitar a “terapia de choque” recomendada pelo FMI, provocou diversas especulações na imprensa britânica, segundo nosso correspondente **Hermano Alves**. O jornal **Financial Times**, por exemplo, admitiu a hipótese de Figueiredo ter de usar os poderes especiais de que ainda dispõe para impor a política sugerida pelo fundo, mas deixou claro que isso poderia causar graves prejuízos à política de abertura, um ponto de honra do atual governo.

Se a falta de liquidez, as divergências entre os credores e a perplexidade diante do fenômeno das dívidas externas de mais de 20 países levaram os bancos a recusarem o “pacote” de US\$ 4,5 bilhões pedido pelo Brasil em maio, neste momento

a perspectiva de uma moratória de grande magnitude pouco antes da reunião dos países devedores, em Caracas, faz que a questão seja reexaminada na City, apesar da recente sugestão da primeira-ministra Margaret Thatcher de que se punam os maus pagadores.

## DESASTRE

De acordo com nosso correspondente, a imprensa britânica considera desastrosa a repercussão da recente valorização do dólar e da alta dos juros nos Estados Unidos sobre as dívidas de alguns países, como Brasil, Coréia do Sul, México, Filipinas, Chile, Argentina, Iugoslávia, Venezuela, etc. Critica-se, ainda, o FMI por aplicar sempre a mesma terapia a todos os países, por não contar com recursos suficientes e, enfim, por atuar com lentidão. Para alguns, o Fundo está agindo conforme normas e regras traçadas há quase 40 anos, com falta de recursos e de flexibilidade que já são notórias, na dependência de seus principais acionistas (EUA) e por conta de um sistema monetário, econômico e financeiro que praticamente já não existe, após os sucessivos choques do petróleo.

Por todos esses fatores, relata **Hermano Alves**, chega-se à conclusão, em Londres — depois de semanas de exames de consciência feitos na “City”, como escreveu o jornal **Sunday Times** —, de que a crise das dívidas externas pode, em breve, transformar-se em um fenômeno incontrolável.